

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-Graduação em
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Saddi, Rafael; Melo, Érica Isabel

Gênero e Revolução Cubana: reflexões sobre as relações de gênero no Exército Rebelde
Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol.
16, núm. 3, septiembre-diciembre, 2012, pp. 1267-1287

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526887017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Gênero e Revolução Cubana: reflexões sobre as relações de gênero no Exército Rebelde*

Rafael Saddi^{**}

Érica Isabel Melo^{***}

Resumo. O presente artigo visa identificar algumas pistas para a percepção da relação de gênero no interior do Exército Rebelde Cubano. Para tanto, busca analisar discursos de revolucionários e de revolucionárias que atuaram na guerrilha cubana e o modo como eles deixam entrever elementos que nos ajudam a perceber as relações assimétricas de gênero presentes no interior da guerrilha cubana.

Palavras-chave: Cuba; Exército Rebelde; Relações de gênero.

Gender relationships in the Cuban Rebel Army

Abstract. Current essay identifies clues for the analysis of gender relationships within the Cuban Rebel Army (1956-1958). The discourses of male and female revolutionaries, active during the Cuban guerrilla warfare, are investigated to observe the manner they shed light on the asymmetrical relationships within the Cuban guerrilla.

Keywords: Cuba; Rebel army; Gender relationships.

Género y la revolución cubana: reflexiones sobre las relaciones de género en el Ejército Rebelde

Resumen. El presente artículo trata de identificar algunas pistas para la percepción de género en el interior del Ejército Rebelde Cubano (1956-1958). Para ello, busca analizar los discursos de los revolucionarios y revolucionarias

* Artigo recebido em 01/08/2012. Aprovado em 29/10/2012.

** Professor doutor do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, Brasil. E-mail: saddirafael@yahoo.com.br

*** Doutoranda em História na Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, Brasil. E-mail: ericaisamel@hotmail.com

que actuaron en la guerrilla cubana y la forma por la cual ellos dejan entrever elementos que nos ayudan a percibir las relaciones asimétricas de género presentes en el interior de la guerrilla cubana.

Palabras Clave: Cuba; Ejército Rebelde; Relaciones de género.

Introdução

As investigações sobre a revolução cubana no Brasil centraram-se durante muito tempo nas estratégias militares, políticas e econômicas que possibilitaram a vitória da guerrilha cubana e o estabelecimento do socialismo na ilha. As produções acadêmicas pioneiras, marcadamente os trabalhos de Florestan Fernandes (1979; 1981), Blanco e Dória (1982) e Emir Sader (1985), são iniciadoras deste tipo de abordagem. Ao centrarem-se nas estratégias militares dos guerrilheiros, por um lado, e na inserção de Cuba no interior do conflito binário entre o comunismo soviético e o capitalismo, por outro, acabaram por não fornecer visibilidade às diferentes tensões culturais presentes no interior do próprio movimento revolucionário.

A primeira década deste novo século XXI significou, entretanto, uma guinada na perspectiva historiográfica da Revolução Cubana no Brasil, enfocando a produção cultural no interior do regime revolucionário. Dissertações e teses produzidas na USP, tais como os trabalhos de Silvia Miskulin (2003; 2009) e Mariana Villaça (2006), deram visibilidade para as tensões entre a esfera política e a esfera cultural. Neste processo, a polaridade entre comunismo soviético e capitalismo deixou de se reproduzir de forma automática nas condições estabelecidas em Cuba, e a pluralidade e a complexidade das concepções e expectativas políticas dos revolucionários e defensores da revolução cubana, abertos às várias referências distintas, ganharam relevo.

O surgimento do Cecab (Centro de Estudos do Caribe no Brasil) também tornou possível o acesso dos pesquisadores a fontes empíricas diversas, além de fomentar o diálogo entre os pesquisadores brasileiros e os pesquisadores de diferentes localidades do mundo, ampliando a possibilidade e os enfoques das pesquisas produzidas. Na UFG e na UnB, o Cecab impulsionou diferentes dissertações e teses acadêmicas que versaram tanto sobre o discurso dos exilados cubanos, tais como os trabalhos de Maria Martha Luíza Cintra Rabelo (2006) sobre a Revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, e de Rickley Leandro Marques (2009) sobre a Geração Mariel, quanto trabalhos que investigaram os discursos dos revolucionários dissidentes e não-dissidentes, tal qual a tese de doutorado de Rafael Saddi (2009).

Em todos estes trabalhos, as questões culturais ganharam centralidade e as tensões presentes no interior da própria experiência revolucionária passaram a ser perceptíveis. As relações de gênero no processo revolucionário cubano, entretanto, constituem um tema ainda pouco investigado.¹ O interesse nesta temática, por outro lado, parece já dar os seus primeiros passos no Brasil, a partir da dissertação de mestrado de Cassia Vassi (2006), sobre a inserção da mulher na legislação cubana antes e após a revolução e por meio de alguns artigos e textos finais de anais de eventos sobre as mulheres cubanas na sociedade revolucionária.²

Não há, no Brasil, entretanto, ainda, uma investigação da inserção e da participação das mulheres durante a luta revolucionária cubana. O presente artigo pretende apresentar algumas pistas para esta análise, desde a apresentação de um conjunto de indícios encontrados em memórias, diários e cartas de

¹ A tese de doutorado da Professora cubana Isabel Ibarra (2000), ao analisar, sobretudo, as memórias das mulheres cubanas exiladas nos anos 1980 e 1990, marcou profundamente a necessidade de se pensar o modo como as relações de gênero se estabeleceram na revolução cubana. Apesar de ser uma tese produzida na Espanha, a Professora Isabel Ibarra atua há vários no Brasil, sendo atualmente professora da UFMA.

² Referimo-nos aqui aos artigos de Giselle Cristina dos Anjos Santos (2009; 2011).

guerrilheiros e de guerrilheiras, que sugerem a existência de tensões presentes no processo de inserção e participação das mulheres no Exército Rebelde Cubano no período entre 1956 e 1958.

Gênero e revolução

A memória oficial da Revolução Cubana construiu, desde o princípio, a noção de que as mulheres revolucionárias tiveram uma participação efetiva na primeira linha da luta insurreccional. Para Gladys Marel García-Pérez: “Desde marzo de 1952, mujeres de la generación del 30 y del 50 se proyectan e inician en la línea insurreccional de la rebelión contra el régimen de Fulgencio Batista” (GARCÍA-PÉREZ, s/p, 1999).

No Movimento 26 de Julho, quatro mulheres se tornaram símbolos da participação feminina na guerra revolucionária: Haydée Santamaría, Melba Hernandez, Celia Sanchez e Vilma Espin. O que nos urge perguntar é de que forma esta participação estava inscrita no interior das relações do Exército Rebelde, o que significa pensarmos a guerra revolucionária desde a política de gênero que nela se estabelecia.

Tal proposta se coloca além da identificação da participação ou não-participação das mulheres na luta. Trata-se de investigar como a própria guerra é “generificada”, ou seja, como as relações de gênero estão inscritas em seu cenário.

Assim, ao nos orientarmos pela categoria de gênero, buscamos analisar a participação das mulheres no Exército Rebelde Cubano a partir de uma perspectiva diferente da que tradicionalmente orientou os estudos sobre a guerra. Segundo Maria Joana Pedro:

A narrativa estava concentrada nas causas e consequências das guerras, nas nações em disputa, na atuação de grandes generais e na descrição das grandes batalhas. Narrar as guerras a partir de uma perspectiva de gênero significa, além de uma inovação na escrita da história, a percepção de identidades

sendo constituídas e/ou se dissolvendo; além disso, significa observar a guerra como política de gênero (2005, p. 83).

Os significados de gênero estão estabelecidos como um conjunto objetivo de referências que estruturam a percepção e a organização, concreta e simbólica, da vida social. Essas referências acabam por estabelecer “um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos”, de forma que o gênero se insere na concepção e na construção do próprio poder (SCOTT, 1995).

Analisar o modo como esta política está inscrita na organização para a guerra exige a reunião de fontes bastante diversas. Os principais documentos que utilizamos são documentos autobiográficos. Este tipo de fonte requer cuidado especial. Segundo Contardo Calligaris, a verdade do ato autobiográfico “(...) concerne ao sujeito autobiógrafo em um passo sempre crucial: o passo que consiste em se dar (de uma só vez ou no dia-a-dia) significação e consistência” (1998, p. 53).

Neste sentido, essa verdade “não pode ser julgada no tribunal da verdade factual. Omissões, acréscimos, remanejamentos são peças do puzzle do sujeito em um momento do seu *seufteri*”. A autobiografia encerra, portanto, sempre a invenção de si mesmo. Mas, nem por isto este tipo de documento torna-se desinteressante ao historiador. Ao contrário, devemos “antes de mais nada esperar (...) que o escrito informe justamente sobre a modalidade pela qual, naquele momento e lugar, o sujeito moderno consegue se dar um pouco de consistência” (CALLIGARIS, 1998, p. 55).

Se considerarmos que a autobiografia não é uma invenção pura, mas uma interpretação que se sustenta em lembranças de uma história vivida, temos que o documento autobiográfico implica em uma reconstrução linguístico-literária da própria experiência no tempo. Desta forma, as autobiografias não são somente fontes para a história, mas também fontes de história.

O que nos interessa nesta pesquisa é que, por meio do ato autobiográfico daqueles que combateram na luta revolucionária cubana, as

reconstruções narrativas de suas experiências vividas fornecem um conjunto de referências pelas quais as relações de gênero podem ser percebidas.

As memórias autobiográficas de Aleida March (2009), combatente das planícies e da *Sierra*, que ficou conhecida por se tornar a segunda e última esposa de Che Guevara, assim como os relatos publicados por Carlos Franqui (s/d) de Celia Sanchez e Haydée Santamaria, guerrilheiras cubanas consideradas, no discurso oficial, heroínas da revolução, são fundamentais para percebermos o modo como a inserção das mulheres na luta guerrilheira passava por tensões culturais profundas, expressas nos olhares dos guerrilheiros e nas tarefas que lhes eram destinadas.

Estas memórias autobiográficas, porém, por se tratarem sempre de uma reconstrução da própria experiência de vida a partir de um lugar e temporalidade específica, precisam ser historicizadas. A memória de Aleida March, produzida no século XXI, no ano do cinquentenário da Revolução Cubana, perpassada pelos interesses contemporâneos nas discussões de gênero e já distante do momento glorioso do início da revolução cubana, apresenta uma tendência muito maior à percepção das tensões que envolveram a sua inserção na guerrilha cubana. Os relatos de Celia Sanchez e Haydée Santamaria, formulados pouco tempo depois da tomada do poder revolucionário, preocupam-se em produzir a adoração da luta guerrilheira, do grande líder revolucionário, Fidel Castro, e de suas participações, enquanto mulheres, na guerrilha. Porém, mesmo com estes anseios, seus relatos apresentam elementos fundamentais para a percepção do ambiente masculinizado do Exército Rebelde, e do modo como, enquanto mulheres, se inseriram na luta pelas tensões culturais profundas.

Outro documento autobiográfico importante para a nossa investigação é o livro de memórias de Berlamino Castilla Más (1997). O autor foi um ex-combatente cubano das cidades, cujos relatos sobre sua infância nos permite

perceber, junto aos relatos de Aleida March, o modo como as relações de gênero se inseriam no processo de socialização das crianças cubanas.

Além das memórias autobiográficas, os escritos políticos também são importantes para a nossa análise. O principal documento aqui é o livro de Che Guevara (1980) intitulado *A Guerra de Guerrilhas*, publicado pouco tempo depois da tomada do poder pelos revolucionários cubanos, objetivando tornar a experiência guerrilheira cubana um modelo a ser seguido em toda a América Latina. Ainda que interessado em demonstrar a importância da participação da mulher na guerrilha, a análise de Guevara nos permite perceber o modo como em seu olhar guerrilheiro, o Exército Rebelde e a Sierra Maestra são lugares dominados pelo masculino, estando associados à força e ao sacrifício. Ao mesmo tempo, este documento é fundamental para definir qual é o lugar que a mulher, na ótica de Guevara, deveria ocupar no movimento guerrilheiro.

Antes de apresentarmos algumas pistas sobre o modo como as relações de gênero estavam configuradas no Exército Rebelde, durante o período de luta revolucionária em Cuba, é importante analisar, primeiramente, que a própria ideia de nação e de Estado cubano se apresenta generificada. Podemos presumir, sobretudo, que é deste caldo cultural mais amplo que a geração revolucionária constrói as suas noções, ideias, expectativas e relações de gênero.

A associação da política e do poder - e de termos tidos como os seus correlatos como o Estado, a guerra - à figura e aos atributos masculinos é um processo recorrente nas representações políticas no Ocidente. No século XIX, com a consolidação dos Estados modernos, ocorre maior acirramento entre os espaços público e privado reforçando a dicotomia masculino/feminino e nas relações homem/mulher (PERROT, 1988).

Segundo Emilio Bejel (2006, p. 78), a construção do corpo nacional cubano se iniciou no final do século XIX quando surgiram biografias que “construían imágenes del héroe cubano ideal como viril, guerrero y sin temor al

sacrificio por la patria.”. Analisando a coleção de biografias escritas por Manuel de la Cruz em 1892, intitulada “Cromitos Cubanos”, Bejel afirma que De la Cruz

propone una especie de modelo normativo para la guerra, un modelo de conducta para el hombre guerrero que rechaza al hombre “poco viril”, representado, según De la Cruz, por el poeta modernista cubano Julián del Casal, ya que éste no dedica su vida a la acción ni su pluma a seducir a las mujeres (BEJEL, 2006, p. 78).

E ali se constitui dois modelos distintos de homens: o herói nacional, dedicado ao espaço próprio do homem viril: a guerra, a política e a conquista de mulheres; e o homem afeminado, incapaz de se sacrificar pela nação, preso no mundo específico das mulheres, o mundo privado.

Tem-se uma ideia de nação articulada a uma matriz de inteligibilidade que estabelece os conceitos de identidade de gênero. Esta matriz se sustenta na ideia de que a “diferença sexual” assegura identidades opostas, fixas e imutáveis, pois biológica, para homens e mulheres. Essas oposições fixas, tidas como naturais, ocultam que os termos apresentados como opostos são, na verdade, interdependentes e hierárquicos: o significado de um termo depende de um contraste estabelecido, não de algo inerente ou de uma simples antítese (SCOTT, 2000). É nesse sentido que o caráter viril, desejado na constituição da nação, se afirma em detrimento do seu par oposto, a feminilidade – ou do homem ‘pouco viril’ ou afeminado. A exigência de coerência e estabilidade no sexo é, da mesma forma, estendida para a sexualidade; é a natureza corporificada da identidade e da experiência (BUTLER, 2003; FAUSTO-STERLING, 2002).

Tomás Fernandez Robaina coincide com Bejel, ao afirmar que com a constituição dos conceitos de nação e de república, em Cuba, surgiram assentados em uma associação entre guerra e homem viril. O afeminado teria a fragilidade moral e seria incapaz de aguentar os sacrifícios de uma guerra e, portanto, incapaz de lutar pela Pátria.

Recordemos, brevemente unas ideas apuntadas por José Agustín Caballero en 1791: ¿Si se ofreciera á la Patria, que tendríamos qué esperar de semejantes ciudadanos ó *Narzisillos*? ¿Podría decirse que estos tienen aliento para tolerar las intemperies de la guerra? ¿Cómo han de ser varones fuertes y esforzados, decía Séneca, los que así ostentan de ánimo *mugeril* y apocado? (FERNANDEZ ROBAINA, 2005, p. 287).

Assim, a ideia de luta pela pátria esteve, desde os primeiros discursos de construção da nação, associados a um espaço masculinizado, representante da força e da capacidade de sacrificar-se. Ao feminino, ligado à noção fragilidade, competia o espaço privado e distante das lutas heroicas.

A ética revolucionária do combatente dos anos 50 construiu um tipo de conduta voltado para essa noção de virilidade do sacrifício revolucionário, que excluía a mulher da primeira linha da luta guerrilheira e dotava o homem afeminado de um desvio de caráter e de moral.

A construção do corpo revolucionário não se deu apenas no campo de batalha, mas antes, foi construído pedagogicamente no processo de socialização das crianças. Neste processo, definições rigorosas de gênero marcavam as relações sociais, preparando o menino com as características exigidas para o enfrentamento da guerra (e, num sentido amplo, para o mundo público) e a menina para o recato do lar (mundo privado).

Nas memórias autobiográficas dos combatentes cubanos, o ambiente da infância, caracterizado pela escola e pelas brincadeiras de criança, aparece como demarcado por definições rigorosas de gênero.

Aleida March destacou a rigidez com que a separação entre os sexos ocorriam no interior das escolas da época:

as escolas eram ninhos de preconceitos e peias; separadas por sexo, com aparência militar e com um conceito autoritário da disciplina, chegavam ao cúmulo de fechar as janelas para evitar todo contato com os rapazes. Assim estava concebido o ginásio daqueles tempos (MARCH, 2009, p. 24).

Berlamino Castilla Más afirma que no Instituto de Segunda Enseñanza, em Santiago de Cuba, somente as mulheres eram obrigadas a usar uniformes.

El uniforme de las muchachitas tenía, además, saya azul con listas blancas, según el año, si era de primer año una, si de segundo, dos, y así hasta el quinto, zapatos negros con medias blancas tobilleras. Los varones no llevábamos uniforme (CASTILLA MÁS, 1997, p. 36).

A cultura de valorização profunda do “macho” herói, valente e viril aparece constantemente. Berlamino Castilla Más reconstrói a lembrança de uma briga entre Rigoberto, um amigo, e seu tio Cucho. A briga ocorria porque Cucho queria defender a honra de sua irmã. A mulher, como pura, frágil e inocente precisava de um homem lutador valente que lhe fornecesse proteção. A briga assumiu, como era comum em Cuba, um formato da luta de boxe.

Recuerdo un encuentro memorable entre Rigoberto, un mulato grande y fuerte, por causa de ciertas relaciones entre este último y una hermana de Cucho. Por ello la pelea se esperaba. Salvero, con un carburo de acetileno iluminaba el improvisado ring. Cuando los contendientes tuvieran puestos y amarrados los guantes tocaran la campana. Cucho, agresivo, le fue arriba a Rigoberto cruzándolo con tal cantidad de golpes que el grandullón, retrocediendo, fue a arrinconarse contra la sogá. Cucho aprovechó para golpearle más alentado por la algarabía de los espectadores, hasta que Rigoberto fue corriendo hacia el árbitro gritando “¡quitenme los guantes!”. Salvador reía a carcajadas tirado sobre el césped mientras decía: “¡ajarda picharon non che vaijas!”. En su jerga decía: aguarda picarón, no te vayas”. A Cucho hubo que sujetarlo pues quería seguir golpeando al sospechoso. Todos reímos a más no poder. Rigoberto estuvo muchos días sin pasar por Tamarit (CASTILLA MÁS, 1997, p. 21).

Em outra passagem, Castilla Más conta que seu irmão Roberto brigou com seu amigo Manolo porque este último “*proposó*”³ com sua namorada. Destaca-se, assim, na memória, um ambiente cotidiano no qual o homem usava de sua virilidade para defender a honra da mulher. Assim se passa o relato:

Aquella tarde cuando bañábamos en la poceta, cerca de la carretera, Manolo se proposó com Ameriquita durante los juegos en el água. El hecho origino una nueva pelea entre Roberto y Manolo dentro del água en la que temimos que el último resultara ahogado, por lo cual los separamos (CASTILLA MÁS, 1997, p. 22).

³ O verbo espanhol ‘proposar’ não pode ser facilmente traduzido para o português. Seu significado aproximado é o de exceder-se em atrevimento de forma a faltar com o respeito. No contexto da narrativa de Castilla Más, este excesso de atrevimento tem significado sexual.

Esta imagem de homem valente se expressava também nos gostos das crianças. Segundo Castilla Más, “Los muchachos del campo gustan de tener un caballo, una monta y también un perro” (CASTILLA MÁS, 1997, p. 23). Em outra passagem fala de uma de suas brincadeiras prediletas enquanto crianças do sexo masculino: a briga de galos.

Esta imagem do homem viril aparece também em outra história contada por Castillo Más em uma reunião estudantil na Havana dos 1950. Castillo não nos conta os motivos da rivalidade entre Quino Peláez e José Hidalgo Peraza, ambos com força entre os grupos estudantis. Na reunião, Quino e Hidalgo saíram em briga e quando o primeiro foi questionado sobre os motivos da mesma, afirmou: “Hidalgo fue quien me retó y ya era una cuestión de hombre” (CASTILLO MÁS, 1997, p. 53).

Mas, provavelmente a melhor imagem do revolucionário viril foi criada por Fidel Castro na defesa do ataque ao quartel de Moncada. Ao se referir aos atacantes do quartel que foram torturados até a morte, o líder cubano construiu a imagem dos jovens que tiveram os testículos triturados e que ao perder os seus *órgãos viris* permaneciam ainda mais homens.

Tiveram os testículos triturados e os olhos arrancados, mas nenhum claudicou, não se ouviu um lamento nem uma súplica; ainda quando tenham sido privados de seus órgãos viris, continuavam sendo mil vezes mais homens que todos os seus verdugos juntos (CASTRO, 2000, p. 58).

Resistir à tortura, se dispor ao combate e às mazelas da guerra, tudo isso era obra de homens viris. A educação diferenciada por gênero e este orgulho do homem “macho” aparecem profundamente no modo como se dava a participação da mulher guerrilheira na luta revolucionária.

Na luta armada cubana, o valor heroico central estava no ato de empunhar as armas e estar diretamente envolvido no combate. Os trabalhos de índole civil eram depreciados, tomados como inferiores e de menor importância heroica (GUEVARA, 1980). Quando todos desejavam assumir um

papel nos confrontos e embates militares, a participação da mulher era motivo de um conflito profundo no interior do movimento revolucionário.

As mulheres, por uma associação à fragilidade, eram protegidas do combate. Uma passagem importante que demonstra esta perspectiva foi relatada por Haydée Santamaría e Celia Sanchez. Segundo Haydée, Celia queria ir ao México para participar da expedição liderada por Fidel (que viria a se tornar a famosa expedição do *Granma*). Um dos motivos de Celia não se destinar ao México foi justamente pelo medo de que Fidel não a deixasse embarcar na expedição. “¿Si me voy a México y luego no me dejan venir?” (FRANQUI, s/d, p. 47). Haydée, que também havia partilhado do desejo de participar desta expedição heroica, afirma que Fidel confirmou posteriormente que não a teria deixado embarcar. “Después tuve la gran satisfacción de que Fidel dijo que si yo hubiera estado en México no me hubieran dejado” (FRANQUI, s/d, p. 47).

Celia se posiciona de forma compreensiva e concordante com a posição de que uma mulher, frágil e desprotegida, longe de somar como mais uma combatente, seria um peso a mais. Afirma: “Además, hubiera sido una preocupación para los demás y para Fidel, porque habrían tenido que venir cuidando a una mujer” (FRANQUI, s/d, p. 47).

Outra passagem apresenta este mesmo caráter de negação da participação da mulher no combate. Quando o Exército Rebelde iniciaria o combate de San Ramón, Fidel ordenou que Haydée e Celia não participassem do combate e ficassem à espera do retorno dos combatentes. Mas, segundo Celia, a insistência das duas fez o líder máximo liberar a participação das duas combatentes. “Nosotras dijimos que queríamos ir y que por qué no nos iban a dejar. Así que fuimos” (FRANQUI, s/d, p. 57).

O mesmo ocorreu com Aleida March, combatente das cidades que subiu ao Escambray para entregar um dinheiro ao Che e pedir para ingressar como guerrilheira. Che afirmou que ela podia ficar, mas como enfermeira.

De uma forma precisa, ele me propôs que podia ficar como enfermeira no acampamento – ele sempre buscava para os recém-chegados uma tarefa específica; não admitia gente vagando e muito menos mulher, que podia gerar vontades incontroláveis dentro da tropa (MARCH, 2009, p.61).

É preciso destacar no trecho acima, dois elementos que se destacam na autobiografia de Aleida. Em primeiro lugar, há uma percepção clara da diferença de distribuição simbólica própria das relações assimétricas de gênero expressa na expressão “muito menos mulher”. Em segundo lugar, é destacado como a mulher na guerrilha tinha que enfrentar o fato de se tornar fácil alvo de desejo sexual dos combatentes.

Aleida, assim como Celia, Haydée, Melba Hernandez e Vilma Espín, tiveram que lutar contra os chefes guerrilheiros para exigir o direito de ser uma guerrilheira, direito adquirido pelo esforço pessoal no processo revolucionário. Aleida afirma ter se mantido firme em relação à proposta de Che: “fui muito concisa na minha solicitação e lhe expliquei que os meus dois anos de atividade clandestina, segundo eu entendia, me davam direito a ser mais uma guerrilheira” (MARCH, 2009, p.61).

A mulher no interior do Exército Rebelde era não só frágil, mas um objeto de desejo sexual. Em diferentes passagens, Aleida March deixa claro que quando chegou à Sierra do Escambray, encontrou um ambiente hostil para uma mulher puritana como ela.

Começou o meu primeiro encontro com as tropas do admirado Exército Rebelde. Fomos atendidos por Oscar Fernández Mell – médico da Coluna, que seguia Che desde a Sierra Maestra -, Alberto Castellanos, Harry Villegas e outros, todos tratando de ver as novas caras, sobretudo a minha, uma das poucas mulheres, demasiadamente jovem, que tinha se acercado a eles; os mais ousados inclusive se atreviam a perguntar se eu era a namorada de algum dos recém-chegados (MARCH, 2009, p. 56).

Em outra passagem, ela fala sobre os *olhos escrutadores* que caíam sobre a jovem rebelde que subia a *Sierra*.

A primeira coisa que fiz ao me encontrar com Che foi informá-lo do por que da minha presença no acampamento, e assim me libertar dos esparadrapos que atavam o dinheiro ao meu corpo. Ele deu logo a ordem de que me ajudassem, e senti como ao redor surgiam muitos voluntários com desejo de fazer isso. Coube a Oscar Fernández Mell a benévola tarefa, além de me medicar. No entanto, os meus sufocos não acabavam por aí, porque, ao montar a cavalo, a minha calça também tinha se rasgado e eu estava me cobrindo, a qualquer custo, de todos aqueles olhos escrutadores que tratavam de buscar algum resquício onde pousar os seus olhares (MARCH, 2009, p. 59).

Ainda que lutassem internamente por um lugar no combate, as mulheres cubanas não ocupavam o mesmo espaço e a mesma função que um homem guerrilheiro. Celia Sanchez ocupou na maior parte do tempo o papel de uma secretária de Fidel, o que significava acompanhar os combates, mas não participar diretamente deles. O mesmo ocorreu com Aleida March em relação ao Che. Afirmava:

Ele me deu instruções para copiar as senhas que era preciso enviar ao capitão Sincio Torres, que se encontrava em Manicaragua. Foi nesse momento que comecei a exercer a minha primeira função ao seu lado: fui uma espécie de secretária pessoal, o que implicou que quase não tivesse que combater, embora o acompanhasse sempre (MARCH, 2009, p. 69).

Vilma Espín, que também foi outra combatente importante na luta insurrecional, era a chofer de Frank País (SANTAMARÍA, 2008). Haydée Santamaría e Melba Hernandez se ocuparam na maior parte do período revolucionário de tarefas auxiliares, como arrecadação de dinheiro para o movimento.

Che Guevara, em seu famoso livro *A Guerra de Guerrilhas*, afirmou que o papel da mulher no processo revolucionário é de extrema relevância. “É bom realçá-lo, pois em todos os nossos países, de mentalidade colonial, há certa subestimação para com ela” (GUEVARA, 1980, p. 78).

Entretanto, em sua tentativa de realçar o papel da mulher, Che acaba por reafirmar as desigualdades de gênero tidas como diferenças naturais dos sexos.

O guerrilheiro argentino vê a mulher a partir daquilo que denomina de “qualidades próprias do seu sexo” (GUEVARA, 1980, p. 79). A mulher é dotada de algumas faculdades inerentes, como a fragilidade e a ternura, características opostas às características de força física e de combate próprias do guerrilheiro. Com estas características, o papel da mulher, para Che, é sempre o de auxiliar nas forças militares combatentes e auxiliar ao próprio homem combatente em seus momentos de carência.

Para Che, em um determinado momento, quando se consolida uma frente interna combatente, “procura-se eliminar o mais possível os combatentes que não apresentam as características físicas indispensáveis” (GUEVARA, 1980, p. 79). Neste momento, a mulher “pode ser indicada para um considerável número de ocupações específicas”, mas não a de combate (GUEVARA, 1980, p. 79). Pode ser possível que a mulher substitua o homem nas armas, “no caso de faltarem braços para empunhar armas”, mas isto é considerado por Che, “um acidente raríssimo na vida guerrilheira” (GUEVARA, 1980, p. 80).

Nesse sentido, percebemos no discurso revolucionário a evocação da natureza dos corpos como explicação para identidades distintas de gênero. E se natural, são imutáveis e, assim, a diferença sexual irreduzível aparece como a responsável para um tratamento diferenciado no campo de batalha (assim como também é diferenciado no campo social e político). Se a questão reside na biologia, na essência dos corpos, naturalizam-se as desigualdades de gênero. Disto decorre a questão de mesmo as mulheres aceitarem e compreenderem a sua exclusão do exercício do combate e a delegação de funções auxiliares (BUTLER, 2003).

Dentre as várias tarefas auxiliares que a mulher poderia exercer na guerra revolucionária uma das que é considerada mais importante para Che é a tarefa de “mensageira”. São dois os motivos de se utilizarem mulheres para tal tarefa. Primeiro porque a mulher poderia passar pela repressão com mais facilidade. Como disse Che, “por mais brutal que seja a repressão, por mais exigentes que sejam nos exames, a mulher recebe um tratamento menos duro que o homem” (GUEVARA, 1980, p. 79). Em segundo lugar, a mulher poderia usar de mil e um artifícios para transportar objetos. Che lembra que “objetos de certo tamanho, como balas são transportados debaixo das saias” (GUEVARA, 1980, p. 79).

Outra tarefa auxiliar que a mulher poderia desempenhar era o ensino das primeiras letras. As mulheres para Che eram fundamentais nas escolas civis porque poderiam “inculcar maior entusiasmo nas crianças” e, também, porque “gozam de mais simpatias da população escolar” (GUEVARA, 1980, p. 80).

A mulher também poderia ocupar o papel que Che denominou de “trabalhadora social”, que teria a função de investigar “os males econômicos e sociais da zona, com vista a modificá-los dentro do possível” (GUEVARA, 1980, p. 80).

Outro trabalho auxiliar que nos chama a atenção é o trabalho nas indústrias guerrilheiras em que Che destaca a importância da mulher na confecção de uniformes. “Com uma simples máquina de costura e alguns moldes podem fazer maravilhas” (GUEVARA, 1980, p. 80).

Dois outros trabalhos auxiliares que Che parece atribuir à índole própria da mulher eram os de cozinheira e enfermeira. Em relação ao de cozinheira, que Che se refere como as *tarefas habituais de paz* da mulher ele afirma:

(as mulheres) podem desempenhar suas *tarefas habituais de paz* e é muito gratificante ao soldado submetido às duríssimas condições desta vida, poder contar com uma comida variada, com gosto de algo (um dos grandes suplícios da guerra era comer um grude pegajoso e frio, totalmente insosso). A cozinheira pode melhorar muito a alimentação, além disto, é mais fácil mantê-la em sua tarefa doméstica, pois um dos problemas que se defrontam as guerrilhas é que todos os trabalhos de índole civil são depreciados pelos que os realizam e tratam sempre de abandonar estas tarefas e ingressar nas forças ativamente combatentes (GUEVARA, 1980, p. 79).

Podemos perceber nesta passagem que além de um trabalho auxiliar na guerrilha, o trabalho da mulher também é auxiliar ao próprio homem guerrilheiro. No centro está o herói macho, “submetido às duríssimas condições desta vida”, e, ao seu redor, a mulher frágil que vem lhe trazer uma comida saborosa e amenizar o sacrifício do lutador. Da mesma forma, Che justifica o papel da mulher na saúde como enfermeira, “inclusive médica”. O guerrilheiro afirma que a mulher pode exercer esta função,

com ternura infinitamente superior ao do rude companheiro de armas, ternura que tanto se aprecia nos momentos em que o homem está indefeso perante si mesmo, sem nenhuma comodidade, talvez sofrendo dores fortes e expostos aos muitos perigos de toda espécie, próprios deste tipo de guerra (GUEVARA, 1980, p. 80).

Mais uma vez a mulher aparece como aquela que vem acalmar o herói que ocupa o primeiro plano, trazer a “ternura” perante o homem exposto aos perigos da guerra. Outro aspecto relevante de se notar é que as funções destinadas às mulheres por Che são extensões de suas funções domésticas, aquelas que se remetem aos cuidados com a família. Ou seja, as mesmas divisões de gênero que definem os espaços públicos e privados também são perceptíveis nas funções de guerra. Em tempos normais, de não guerra, o homem, imerso no mundo do trabalho como mundo central, volta para casa, cansado de sua dura jornada, e recebe comida e ternura da mulher que o espera. Da mesma forma, o guerrilheiro volta do combate cansado de sua dura batalha e recebe da mulher o mesmo tratamento.

Considerações finais

Mas, a participação das mulheres no Exército Rebelde não se deu apenas em trabalhos tidos como auxiliares. A memória oficial da Revolução Cubana, constantemente nos remete ao Pelotão “Mariana Grajales”, um pelotão do Exército Rebelde formado somente por mulheres. Neste pelotão, as mulheres definitivamente pegaram em armas e assumiram a linha de frente dos combates. Entretanto, no discurso oficial, o surgimento do pelotão de mulheres não aparece como uma decisão das mulheres, a sua criação é atribuída totalmente à visão ampla do grande líder da revolução, Fidel Castro. Além disso, a memória oficial não esconde o fato de que tal decisão foi recebida por grande parte dos rebeldes como negativa. Afirma:

Cuando Fidel dio a conocer su decisión de crear un pelotón de mujeres combatientes en septiembre de 1958, halló algunos oponentes a su idea. Por ello convocó a una reunión en el hospital de La Plata (comandancia rebelde en la Sierra Maestra), donde defendió con vehementes palabras el audaz proyecto. Desde las 6:00 PM hasta la 1:00 AM del siguiente día se prolongó aquella singular batalla en la que el líder de la Revolución realizó un recuento de las luchas de la mujer cubana y explicó cuál sería el papel de las féminas tras el triunfo revolucionario.

Ese día, hace 40 años, el camino de la igualdad de géneros comenzó a despejarse en Cuba.

Siete horas explicando, tratando de hacer comprender que las mujeres, que al final integraron el pelotón de combate Mariana Grajales, se habían ganado ese derecho (CAMPOS, s/p, 1998).

Assim, as 7h que Fidel passou explicando a necessidade de um pelotão de mulheres aos demais guerrilheiros é vista nos discursos oficiais como algo positivo, pois eleva a figura do grande líder. Entretanto, funda tanto a noção de que a participação das mulheres se dava a partir de um ambiente hostil ao feminino quanto a de que era necessária a intervenção de um grande líder, homem, por suposto, para o estabelecimento de uma participação efetiva das mulheres. Na memória oficial, uma fala de Fidel consagra esta posição.

Al terminar la reunión, el comandante rebelde y los demás participantes subieron hasta donde estaba ubicada Radio Rebelde, la emisora del ejército revolucionario, para dejar constituido oficialmente el pequeño destacamento.

Mientras ascendían, Fidel dijo: "Muchachitas, han visto cómo he tenido que discutir para que ustedes puedan combatir. No pueden hacerme quedar mal (CAMPOS, s/p, 1998).

Assim, mesmo quando a memória oficial tenta exaltar a participação das mulheres na guerrilha cubana como uma forma de elevar o caráter democrático da Revolução de Cuba, ela deixa entrever as relações assimétricas de gênero que permeavam a estrutura do Exército Rebelde. Uma história da participação das mulheres na guerrilha cubana deve levar em consideração esta generificação da guerra, buscando identificar o modo como a participação das mulheres na guerra se inscrevia em uma política de gêneros estabelecida na própria luta revolucionária.

Referências

BEJEL, Emilio. Cuerpos peligrosos en una nación de héroes. *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*. La Habana, n. 41/42, p. 76-82, verano/otoño 2006.

BLANCO, Abelardo; DÓRIA, Carlos A. *Revolução Cubana de José Martí a Fidel Castro (1868-1959)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 43-58, 1998.

CAMPOS, Iraida. A cuatro décadas de un hecho singular. *Notinet de Cuba*. La Habana, 1998. Disponível em: <http://www.nnc.cubaweb.cu/mujer/mujer1.htm>. Acessado: 03 jun. 2012.

CASTILLA MÁZ, Berlamino. Comandante Aníbal. *Recuerdos Imborrables*. Memorias. Madrid: Vosa, 1997.

CASTRO, Fidel. *A História me absolverá*. São Paulo: Edições Populares, 2000.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 17/18, p. 9-79, 2001/2002.

FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: T. A. Queiroz ed., 1979.

FERNANDES, Florestan. *Poder e contrapoder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FERNANDEZ ROBAINA, Tomás. Los Homosexuales y la Revolución. *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*. La Habana, n. 37/38, p. 286-292, verano/otoño 2005.

FRANQUI, Carlos. *Relatos Revolución Cubana*. Editorial Sandino: Montevideu, s/d.

GARCÍA-PÉREZ, Gladys Marel. *Isla en el Tiempo*. Santiago, 1999. Disponível em: <http://www.uo.edu.cu/ojs/index.php/stgo/article/view/14599109/411>. Acessado: 10 jun. 2009.

GUEVARA, Che. *A Guerra de Guerrilhas*. São Paulo: Edições Populares, 1980.

IBARRA, Isabel. *Cuba: Cultura y poder (1980-1990). Memorias, experiencias y silencios de la revolución*. Madrid, 2000. Tesis (Doutorado) - Universidad Complutense de Madrid, Espanha.

MARCH, Aleida. *Evocação. Minha Vida ao Lado do Che*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MARQUES, Rickley Leandro. *A Condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. Brasília, 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília.

MISKULIN, S. C. *Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)*. São Paulo: Xamã/FAPESP, 2003.

MISKULIN, S. C. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

PEDRO, Joana Maria. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 13, n.1, p. 81-102, jan./-abr. 2005.

PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p 167-184.

RABELO, Maria Martha Luiza Cintra. *Cultura e Política em Cuba sob o Prisma da Revista “Encuentro de la Cultura Cubana”*. Goiânia, 2006. Dissertação (Mestrado em História) - UFG.

SADDI, Rafael. *O Ascetismo Revolucionário do Movimento 26 de Julho*. Goiânia, 2009. Tese (Doutorado em História) - UFG.

SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Moderna, 1985.

SANTAMARÍA, Haydée. *Vidas Rebeldes*. La Habana: Ocean Sur, 2008.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. Mulher e Revolução Cubana. *Revista Histórica*. São Paulo, n. 38. 2009. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao38/materia01/texto01.pdf>

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. Identidade e Imaginário Social: mulheres negras em Cuba após 50 anos de Revolução. *Anais... XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. Bahia, 2011.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, J. Igualdade *versus* diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. *Debate Feminista (Cidadania e Feminismo)*. São Paulo/México, n. espec., p. 207-208, 2000.

VASSI, Cassia. *Mulheres em Cuba: uma perspectiva jurídica (1901-1976)*. Franca, 2006. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Franca/SP.

VILLAÇA, Mariana Martins. *O Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História) – FLLCH/USP.

WOLFF, Cristina Schneibe. Feminismo e configuração de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no cone sul (1968-1985). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.27, n. 54, p. 19-38, 2007.

